GABARITO PROVA DE CONHECIMENTOS ESPECÍFICOS

PEPI MESTRADO 2027

Critérios de correção da Questão 1 (Mestrado)

A Questão 1 pedia que o candidato explicasse o argumento central de Maria da Conceição Tavares em "A retomada da hegemonia norte-americana" (1985), que contesta a leitura, comum na época, de que os Estados Unidos viviam um declínio hegemônico irreversível. A resposta devia abordar o contexto internacional dos anos 1970 que sustentava a tese do declínio, os instrumentos pelos quais os Estados Unidos reafirmaram sua posição a partir de 1979 e as consequências desse movimento para a América Latina, em especial para o Brasil.

Composição do padrão de resposta

O padrão de resposta foi organizado em 22 itens de peso igual, cada um valendo até 1 ponto: 19 itens de conteúdo, distribuídos em cinco blocos, e 3 critérios gerais.

Bloco	Pontos possíveis
1. Contexto do declínio	5
2. Tese central	3
3. Instrumentos da retomada	4
4. Enquadramento de aliados e concorrentes	2
5. Periferia e Brasil	5
Critérios gerais	3
Total	**22**

Escala de pontuação

Cada item recebeu 1, 0,5 ou 0 ponto, conforme o desempenho da resposta:

Pontuação	Quando se aplica
1	O item está presente e correto.
0,5	O item está presente de forma parcial ou vaga, sem o dado que o define, ou com erro de fato.
0	O item está ausente, errado ou deslocado para outro período ou tema.

Os seguintes princípios valeram para todos os itens e todas as provas:

- Pontua-se a ideia, não as palavras: a paráfrase conta, desde que a afirmação esperada esteja presente.

- Item composto de duas partes (por exemplo, "choques do petróleo e estagflação"): as duas partes valem 1; apenas uma delas vale 0,5.
- Item definido por um agente ou por uma data (por exemplo, "choque de juros de Volcker, outubro de 1979"): com o agente ou a data identificados, vale 1; de forma genérica ("alta dos juros"), vale 0,5.
- Erro de fato dentro do item, como data ou agente errados, limita o item a 0,5, ou a 0 se inverter o sentido da afirmação, e é considerado também no critério de uso correto dos conceitos.
- Anacronismo, isto é, atribuir ao texto de 1985 fatos ou obras posteriores a ele, limita a 0,5 o item em que aparece e é considerado no critério de uso correto dos conceitos.
- A tese pode estar implícita: se o mecanismo está explicado, o item vale 1 mesmo sem a formulação do padrão de resposta; se a ideia é apenas nomeada, sem explicação, vale 0,5.
- Conteúdo fora do período ou do tema pedido vale 0 nos itens correspondentes. Conteúdo que não corresponde a nenhum item do padrão de resposta, ainda que pertinente ao tema, não soma pontos.
- O mesmo conteúdo recebe a mesma pontuação em todas as provas.

Itens da resposta esperada e pontuação

As tabelas a seguir listam os itens de cada bloco, com o que valeu 1 ponto e o que valeu 0,5 ponto. Em todos os itens, a ausência do item, a afirmação errada ou o conteúdo deslocado para outro período ou tema valeram 0.

Bloco 1. Contexto do declínio (5 pontos)

Item	1 ponto	0,5 ponto
1.1 Colapso de Bretton Woods	Menção correta ao fim do sistema de Bretton Woods, como o fim da conversibilidade do dólar em ouro (1971) ou a passagem ao câmbio flutuante (1973).	Menção parcial aos assuntos
1.2 Choques do petróleo e estagflação	Os choques do petróleo e a estagflação (ou a inflação) que os acompanhou.	Apenas um dos dois elementos (por exemplo, o choque do petróleo sem estagflação nem inflação).
1.3 Perda de competitividade diante da Alemanha e do Japão	A perda de competitividade relativa dos Estados Unidos diante da Alemanha e do Japão, ou o dinamismo exportador europeu e japonês.	Perda de competitividade mencionada de forma genérica, sem identificar os concorrentes.

Item	1 ponto	0,5 ponto
1.4 Desvalorização do dólar nos anos 1970	A desvalorização do dólar ao longo dos anos 1970.	Referência vaga à fraqueza ou à instabilidade do dólar, sem caracterizar a desvalorização.
1.5 Euromercado e petrodólares	A expansão do euromercado e a reciclagem dos petrodólares.	Apenas um dos dois elementos.

Bloco 2. Tese central (3 pontos)

Item	1 ponto	0,5 ponto
2.1 A hegemonia não se reduz à competitividade	Mostra que a tese do declínio se apoiava na competitividade comercial e produtiva e que, para Tavares, a hegemonia não se reduz a ela (por exemplo: a literatura do declínio olhava a indústria; Tavares mostra as finanças).	A ideia apenas afirmada, sem explicação.
2.2 A crise era da ordem de Bretton Woods	Distingue a crise da ordem de Bretton Woods de uma crise do poder americano.	Afirma que havia crise e não declínio, sem dizer que a crise era da ordem de Bretton Woods.
2.3 O núcleo da hegemonia	Explica que o núcleo da hegemonia está no controle da moeda-chave e do sistema financeiro internacional, com o poder militar como apoio (por exemplo: o Fed recupera o controle da liquidez mundial por meio do dólar fiduciário, e o gasto militar o complementa).	Apenas parte desses elementos (por exemplo, só a moeda), ou a "diplomacia do dólar" e a "diplomacia das armas" apenas nomeadas, sem explicação do mecanismo.

Bloco 3. Instrumentos da retomada (4 pontos)

Item	1 ponto	0,5 ponto
3.1 Choque de juros de 1979	O choque de juros que inaugura a política do dólar forte, identificado pelo agente (o Fed, sob Volcker) ou pela data (outubro de 1979).	Alta dos juros mencionada de forma genérica, sem agente nem data.

Item	1 ponto	0,5 ponto
3.2 Dólar fiduciário como padrão	O dólar sem lastro (fiduciário, inconversível) passa a funcionar como padrão monetário de fato do sistema internacional.	Referência ao dólar como moeda internacional ou à capacidade americana de emitir moeda sem restrição externa, sem caracterizar o padrão dólar fiduciário.
3.3 Atração da liquidez mundial e déficits gêmeos	Os juros altos atraem para os Estados Unidos a liquidez mundial (capitais, compra de títulos do Tesouro), que financia os déficits fiscal e comercial americanos.	Apenas um dos lados: o financiamento dos déficits sem o mecanismo de atração da liquidez, ou a atração de capitais sem a ligação com os déficits.
3.4 Rearmamento e keynesianismo militar	O rearmamento do governo Reagan como impulso à economia americana (keynesianismo militar, "diplomacia das armas").	Menção ao rearmamento ou a instrumentos militares sem o papel na recuperação da economia americana.

Bloco 4. Enquadramento de aliados e concorrentes (2 pontos)

Item	1 ponto	0,5 ponto
4.1 Ajuste da Europa e do Japão	Europa e Japão são obrigados a ajustar suas políticas monetárias aos juros americanos e a financiar o déficit dos Estados Unidos.	Apenas um dos dois aspectos, ou o enquadramento dos aliados referido a fato posterior ao texto (por exemplo, o Acordo do Plaza, de 1985).
4.2 Recuperação de 1983-84	A recuperação americana de 1983-84, obtida às custas da recessão no resto do mundo.	Recuperação americana mencionada sem a data ou sem a contrapartida no resto do mundo.

Bloco 5. Periferia e Brasil (5 pontos)

Item	1 ponto	0,5 ponto
5.1 Custo das dívidas a juros flutuantes	A alta dos juros americanos faz explodir o custo das dívidas contratadas a juros flutuantes.	Aumento da dívida ou de seu custo mencionado sem o mecanismo dos juros flutuantes.
5.2 Recessão mundial e commodities	A recessão mundial e a queda dos preços das commodities.	Apenas um dos dois elementos.
5.3 Crise da dívida e corte do financiamento	A crise da dívida a partir da moratória do México (1982) e o corte do financiamento externo.	Crise da dívida mencionada de forma genérica, sem a data ou sem o corte do financiamento.

Item	1 ponto	0,5 ponto
5.4 Ajuste recessivo e superávits	Ajustes recessivos e geração de grandes superávits comerciais para pagar a dívida, com transferência de recursos ao exterior. A menção ao FMI não é obrigatória.	Apenas parte do mecanismo (por exemplo, o ajuste sem os superávits). O FMI descrito só como "auxílio" ou "financiador", sem ajuste recessivo, vale 0.
5.5 Crise do Estado e fim do desenvolvimentismo	A crise fiscal e financeira do Estado e o esgotamento do padrão desenvolvimentista, a "década perdida".	Apenas um desses aspectos, ou o esgotamento do modelo mencionado de forma genérica.

Conteúdo sobre a América Latina fora do período pedido (por exemplo, as ditaduras militares, a "onda rosa" ou os anos 1990) valeu 0 nos itens do bloco 5.

Critérios gerais (3 pontos)

Critério	1 ponto	0,5 ponto	0
Uso correto dos conceitos	Sem erros conceituais, ou apenas imprecisões menores.	Um ou dois erros conceituais ou anacronismos pontuais.	Erros graves, ou erros que estruturam a resposta.
Articulação causal entre os itens	Encadeia causas e efeitos entre os itens.	Em parte lista os itens, com partes desconectadas.	Lista solta de itens, ou resposta fora do tema.
Clareza expositiva	Texto claro e organizado.	Ordem confusa ou texto difícil de seguir.	Texto incompreensível ou fora do tema.

Cálculo da nota

Os pontos obtidos são somados (máximo de 22) e convertidos numa nota de 0 a 5, a partir do percentual do padrão de resposta atingido. O patamar de referência é 40% do padrão (8,8 pontos), que equivale à nota 3,5.

Até esse patamar, a nota é proporcional aos pontos: nota = pontos ÷ 8,8 × 3,5. Por exemplo, 6 pontos correspondem a 6 ÷ 8,8 × 3,5 ≈ 2,39.

Acima do patamar, a nota sobe em linha reta de 3,5 até 5,0: nota = 3,5 + (percentual − 40%) × 1,5 ÷ 60%. Cada 10% a mais do padrão acrescenta 0,25 à nota, cerca de 0,11 por ponto. Assim, 50% do padrão valem 3,75; 60%, 4,0; 80%, 4,5; e 100%, 5,0.

Na consolidação dos resultados, as notas foram expressas em múltiplos de 0,5: a nota calculada foi levada ao múltiplo de 0,5 mais próximo e, quando ficou exatamente no meio

entre dois múltiplos, ao inferior (3,75, por exemplo, foi registrada como 3,5). A tabela mostra a nota registrada correspondente a cada faixa de pontos.

Pontos obtidos	Percentual do padrão	Nota calculada	Nota registrada
0 a 0,5	0% a 2,3%	0 a 0,20	0,0
1 a 1,5	4,5% a 6,8%	0,40 a 0,60	0,5
2 a 3	9,1% a 13,6%	0,80 a 1,19	1,0
3,5 a 4	15,9% a 18,2%	1,39 a 1,59	1,5
4,5 a 5,5	20,5% a 25,0%	1,79 a 2,19	2,0
6 a 6,5	27,3% a 29,5%	2,39 a 2,59	2,5
7 a 8	31,8% a 36,4%	2,78 a 3,18	3,0
8,5 a 11	38,6% a 50,0%	3,38 a 3,75	3,5
11,5 a 15	52,3% a 68,2%	3,81 a 4,20	4,0
15,5 a 19,5	70,5% a 88,6%	4,26 a 4,72	4,5
20 a 22	90,9% a 100%	4,77 a 5,00	5,0

Como cada item vale 1, 0,5 ou 0 ponto, os totais de pontos variam de 0,5 em 0,5.

Critérios de correção da Questão 2 (Mestrado)

Baseado no livro “Uma Teoria do poder global”, no capítulo “Poder Global e Riqueza”, José Luís Fiori apresenta o resumo, na forma estilizada, de sete teses teóricas e históricas. A tese nº 1 resume sua visão do “poder”: “1ª Tese: em termos estritamente lógicos, o “poder” é uma relação que se constitui e se define, tautologicamente, pela disputa, e pela luta contínua, pelo próprio poder. Em qualquer nível de abstração, e em qualquer tempo ou lugar, independente do conteúdo concreto de cada relação de poder em particular.”

Descreva e explique 5 entre as 10 características apresentadas sobre o poder pelo autor a partir desta tese.

Gabarito: É esperado que o candidato descreva e explique 5 entre as 10 características abaixo apresentadas na 1ª Tese: (cada característica apresentada vale 0,5pts e cada explicação correspondente vale 0,5pts)

i. “assimétrico”: porque se todos tivessem o mesmo poder, não haveria disputa, nem haveria “relação de poder”;

ii. “limitado”: porque se o poder fosse absoluto, não haveria disputa, e portanto, o poder não existiria, pura e simplesmente;

iii. “relativo”: porque o poder envolve uma hierarquia, e um “cabo de guerra” permanente entre algum “vértice' que tenha “mais poder”, e um outro que terá necessariamente, “menos poder”. Se um desses “vértices” aumenta seus “graus de liberdade”, algum outro perderá poder, inevitavelmente, com relação ao que se expandiu.

iv. “heterostático”: porque qualquer dessas variações de poder provoca sempre uma reação mais ou menos imediata das partes desfavorecidas, visando recompor e manter a mesma correlação anterior à situação prévia à mudança inicial;

v. “triangular”: porque o “limite” de toda e qualquer unidade de poder (P1) é estabelecido por outra unidade de poder (P2) que tem as mesmas características de P1, e, portanto, também tem seu limite traçado por mais uma unidade de poder (P3), e assim infinitamente, com relação a P4, P5 etc.;

vi. “fluxo”: porque o poder é ação e movimento e só existe enquanto é exercido de forma contínua. Não há como conceber um “poder estático”, nem há como conceber logicamente, a possibilidade de um poder “desativado” ou neutro · Por isso costuma-se dizer que não existe “vácuo de poder”, nesse jogo sem fim;

vii. “sistêmico”: porque não é possível pensar uma “unidade de poder” sem supor logicamente a existência deste conjunto de outras “unidades de poder” que se multiplicam na forma de “triângulos” que supõem outros “triângulos”, e assim sucessivamente. E como não é possível imaginar algum poder fora desse “sistema de poderes”, também se pode inferir que não existe nada anterior ou posterior ao próprio sistema, ou seja, ao próprio poder.

viii. “expansivo”, porque se as relações de poder fossem binárias e fechadas sobre si mesmas, se transformariam num “jogo de soma zero” e tenderiam a desparecer, de forma autofágica. Isso só não acontece porque o poder é triangular e sistêmico, e todas as suas unidades podem se expandir para fora de si mesmas, através da conquista do poder, ou de alguma parcela do poder das demais unidades do sistema. Cada unidade de poder (P1, P2, P3 etc.) exerce uma pressão competitiva sobre si mesma, e todas essas unidades exercem a mesma pressão umas com relação às outras. Como consequência, o sistema, como um todo, também se expande de forma contínua. Mais do que isso, precisa se expandir infinitamente, caso contrário, se fecharia sobre si mesmo, e entraria em estado de entropia, ou em rota de extinção.

ix. “indissolúvel”, porque uma relação de poder só desaparece quando é conquistada integralmente, ou submetida, por outra unidade de poder. Assim, por mais que recuemos no “tempo lógico”, sempre nos depararemos com novas unidades de poder que foram conquistadas em algum momento, e assim retroativamente até o infinito. Portanto, se pode deduzir que o poder é a origem de si mesmo, e a conquista, é apenas a forma pela qual o poder se constitui, se reproduz e se expande;[1]

x. “dialético”: porque, se é verdade que o poder se define pelo seu fluxo, pelo seu exercício e pela sua expansão, então, também se pode concluir que o poder se define por sua negação e superação, e portanto, finalmente, que o poder é igual a acumulação do poder (“P = +P").

[1] Ainda uma vez, foi Maquiavel quem expôs de forma mais simples e direta a ideia desconfortável de que: “o desejo de conquista é coisa verdadeiramente natural e ordinária e os homens que podem fazê-lo serão sempre louvados e não censurados” (Maquiavel, 1983, p. 14).

Critérios de correção da Questão 3 (Mestrado)

Gabarito (resposta esperada)

Medeiros & Serrano (1999) sustentam que o crescimento dos países periféricos não é explicado apenas por suas políticas domésticas, mas pela forma como se inserem no padrão monetário internacional vigente e pela relação política que mantêm com a potência que o organiza. É nesse quadro que mobilizam a noção de "desenvolvimento a convite": sob Bretton Woods e no contexto da Guerra Fria, os Estados Unidos, por razões geopolíticas de contenção do comunismo, "convidaram" aliados situados em regiões estratégicas — Europa Ocidental (sobretudo a Alemanha, via Plano Marshall) e, de modo mais nítido, no Leste Asiático (sobretudo Japão, Coreia do Sul e Taiwan, e posteriormente à década de 1970, a China) — a crescer. O convite se materializou em acesso privilegiado ao mercado estadounidense, tolerância ao protecionismo e à política industrial desses países, câmbio favorável às exportações, ajuda econômica e militar, transferência de tecnologia e demanda gerada pelos gastos bélicos (guerras da Coreia e do Vietnã, por exemplo). O efeito decisivo foi o relaxamento da restrição externa: liberados da escassez de divisas, esses países puderam sustentar altas taxas de investimento e um crescimento puxado pelas exportações, sem os ciclos de "stop and go" típicos da periferia.

A tradição cepalina fornece o contraponto analítico. Prebisch (1949) descreve o sistema como centro-periferia, no qual os frutos do progresso técnico se concentram no centro e a periferia, exportadora de produtos primários, enfrenta a tendência à deterioração dos termos de troca e uma assimetria de elasticidades-renda que torna o balanço de pagamentos o limite estrutural ao seu crescimento. Prebisch nota ainda que a passagem da hegemonia britânica à norte-americana agravou o problema: o novo centro cíclico tinha coeficiente de importação baixo e comportamento protecionista, gerando escassez de dólares para a periferia. Daí a prescrição da industrialização por substituição de importações como forma de aliviar a restrição externa. A América Latina seguiu esse caminho, mas sem convite: não era área estratégica prioritária para os EUA (a Aliança para o Progresso, após a Revolução Cubana, foi limitada), não obteve abertura comparável do mercado norte-americano nem tolerância equivalente a suas políticas, e financiou a industrialização com investimento direto estrangeiro — que remetia lucros e mantinha a dependência de importações de bens de capital — e, nos anos 1970, com endividamento no mercado de eurodólares.

A comparação, portanto, não opõe "mercado" a "Estado": ambos os grupos industrializaram-se com forte intervenção estatal e proteção. A diferença está na inserção externa e na relação com o hegemon. Os "convidados" combinaram proteção com promoção de exportações e acesso garantido ao mercado do centro, o que lhes deu divisas e autonomia para política macroeconômica expansionista; a América Latina combinou proteção com baixo dinamismo exportador, dependência de preços de commodities e de fluxos de capital voláteis, e permaneceu sujeita a crises recorrentes de

balanço de pagamentos. A ruptura de Bretton Woods e a consolidação do "padrão dólar flexível" — com o choque de juros de Volcker em 1979 — tornaram a assimetria explícita: a América Latina mergulhou na crise da dívida de 1982 e na "década perdida", enquanto os asiáticos, com base exportadora consolidada, ajustaram-se sem interromper o crescimento (a Coreia, embora endividada, pôde pagar com exportações). Sob o novo padrão, os EUA ganharam liberdade para transferir o ônus do ajuste aos demais, e a periferia não convidada foi quem mais o absorveu.

Em síntese, a forma de inserção internacional e a relação com a potência hegemônica são variáveis determinantes do crescimento periférico: o hegemon define as regras do padrão monetário, decide a quem abre seu mercado e a quem concede financiamento e tolerância política, e assim distribui desigualmente o acesso às divisas de que a periferia depende. O "convite" é uma categoria política ou de economia política, não estritamente econômica — explica os "milagres" asiáticos pelo interesse estratégico norte-americano, e não por virtudes de mercado —, e é condicional e revogável, como sugerem as pressões posteriores por valorização cambial e abertura financeira sobre os próprios convidados. Em diálogo com Prebisch, nota-se que a assimetria estrutural centro-periferia só é parcialmente superada quando o centro acomoda a industrialização periférica; na ausência desse acomodamento, a substituição de importações, por si só, não elimina a restrição externa, e a vulnerabilidade latino-americana aparece menos como falha de política doméstica do que como resultado de sua posição subordinada na hierarquia política e monetária internacional.

> **O que se espera, em uma frase:** os "convidados" (Europa Ocidental, em especial Alemanha, Japão, Coreia do Sul, Taiwan e posteriormente, após anos 1970, China) tiveram a restrição de balanço de pagamentos relaxada pela potência hegemônica por razões geopolíticas; a América Latina enfrentou a restrição externa descrita por Prebisch sem esse alívio, e seu crescimento, embora elevado entre 1950 e 1980, foi mais vulnerável, interrompido e em condições menos favoráveis (ou apesar das condições externas desfavoráveis).

Diferenciais:

- Relacionar o conceito ao argumento mais geral dos autores de que o padrão monetário internacional e a posição de cada país na hierarquia de moedas definem o grau de restrição externa. O país emissor da moeda-chave não enfrenta essa restrição da mesma forma; a periferia, sim. Também vale reconhecer que o convite é condição favorável, não suficiente: aliados que receberam apoio sem converter isso em industrialização (as Filipinas são o contraexemplo usual) mostram o peso da capacidade estatal e da estrutura social interna.
- Citar explicitamente quais foram os "convidados": Alemanha/Europa Ocidental, Japão, Coreia do Sul, Taiwan e, mais tarde, China (posteriormente)
- Destacar como após a Revolução Cubana (1959), a relação dos EUA com a América Latina muda – há inclusive a Aliança para o Progresso (1961) – e passa

a haver melhores condições para a América Latina (mas não se configuram "convites").

- Destacar como Medeiros e Serrano (1999) afirmam que a restrição externa depende do padrão monetário e de como o centro o opera e da orientação geopolítica da potência dominante.

Grade de pontuação (5,0 pontos – 50% da nota da prova escrita)

Critério	Pleno	Parcial	Insuficiente	Máx.
C1. Conceito de "desenvolvimento a convite"	Define o conceito pela motivação geopolítica e pelo relaxamento da restrição externa; cita ao menos 4 elementos da seção 2; nota o caráter revogável (0,9–1,0)	Define corretamente, mas só como "ajuda" ou com 2–3 elementos (0,5–0,8)	Confunde com dependência associada, com abertura ao IDE ou com altruísmo (0–0,4)	1,0
C2. Mobilização	Centro-periferia, termos de troca e, sobretudo, restrição externa e	Apresenta a deterioração dos termos de	Menção genérica, erro conceitual ou	1,0
Critério	Pleno	Parcial	Insuficiente	Máx.
de Prebisch (1949)	baixo coeficiente de importações dos EUA, usados no argumento (0,9–1,0)	troca, mas não a liga à restrição externa (0,5–0,8)	anacronismo (0–0,4)	
C3. Comparação das trajetórias	Compara ao menos 4 dimensões da tabela da seção 4 com periodização correta (Bretton Woods, anos 1970, choque de juros de 1979, crise de 1982); reconhece o alto crescimento latino-americano em 1950–1980 (1,3–1,5)	Comparação correta mas pouco específica, com poucos casos ou datas (0,7–1,2)	Descrição separada dos casos, sem comparação, ou erros factuais relevantes (0–0,6)	1,5

C4. Inserção internacional e relação com o hegemon como determinantes	Explica o mecanismo: tipo de inserção → divisas → restrição externa → crescimento; liga ao padrão monetário; pondera fatores internos sem determinismo (0,9–1,0)	Afirma a influência sem explicar o mecanismo, ou cai em determinismo externo ou interno (0,5–0,8)	Ausência de explicação causal (0–0,4)	1,0
C5. Coerência argumentativa e forma	Tese clara, progressão lógica, conclusão que responde à pergunta, linguagem técnica precisa (0,5)	Estrutura adequada com saltos ou repetições (0,2–0,4)	Texto desorganizado ou sem conclusão (0–0,1)	0,5
Total				**5,0**

Faixas de desempenho e distribuição da pontuação por faixas:

Faixa	Nota	Perfil da resposta
Excelente	4,5–5,0	Tese clara; conceito e Prebisch integrados; comparação específica e bem periodizada; mecanismo causal explícito; pondera fatores internos e externos; nenhum erro factual
Bom	3,5–4,4	Conceitos corretos e comparação presente, mas mecanismos poucos desenvolvidos ou periodização incompleta ou argumentação incompleta.
Faixa	Nota	Perfil da resposta
Regular	3,0 – 3,4	Resume os autores corretamente, com comparação genérica e pouca história econômica
Insuficiente (patamar superior)	2,5–2,9	Alguns elementos satisfatórios, mas algum problema específico identificado, como fuga dos períodos históricos esperados; resposta muito incompleta ou com muitas lacunas. Pode ser o caso de redação confusa e construção de argumentos frágeis.
Insuficiente (patamar inferior)	0–2,4	Erros conceituais e/ou históricos, ausência de comparação ou de elementos centrais do tema e/ou fuga ao tema. Pode ser o caso de redação confusa e construção de argumentos frágeis.